

A RELAÇÃO DA ARQUITETURA ESCOLAR COM A APRENDIZAGEM

Tatiane Menezes Santana¹

Resumo:

O presente artigo tem como objetivo analisar a relação entre a arquitetura escolar e a aprendizagem, verificando de que forma a estrutura física das instituições de ensino pode interferir no aprendizado dos alunos. Autores afirmam que as sensações de conforto e segurança, proporcionadas por um espaço escolar adequado, com boa localização, ambiente limpo, atrativo, bem ventilado e iluminado, dentre outros aspectos, permitem aos educandos as condições necessárias para seu desenvolvimento cognitivo, sensorial e motor. O estudo foi realizado a partir da análise de textos das principais referências na área. O desconhecimento e a indiferença quanto à influência da arquitetura escolar na aprendizagem foram determinantes na escolha do tema, já que essa interferência ainda é um assunto pouco pesquisado, principalmente, em Sergipe.

Palavras-chave: Alunos. Aprendizagem. Arquitetura escolar.

Abstract:

The following article pretends analyzing the connection between the school architecture and the learning, checking how the physical structure of the teaching institutions can interfering in the students learning. Authors say that the comfort and security feelings, proportioned by an right school room with a good location, clean space, attractive, cool and lit, among others aspects, permit to the students the necessary conditions for their cognitive, sensory and motor development. The study was realized by the analysis of the main references texts in this area. The ignorance and indifference as to the influence of school architecture in the learning were determiner in the subject choice, since this interference still is an subject few researched, mainly in Sergipe.

Key words: Learning. School Architecture. Students.

A IMPORTÂNCIA DA ARQUITETURA ESCOLAR

A Arquitetura Escolar traz uma nova discussão no âmbito educacional: o bem-estar do aluno e sua relação com o ambiente da escola. O tema surgiu da consciência da importância da estrutura do meio físico onde se dá o ensino e onde o aluno passa grande parte do seu tempo.

Agustín Escolano e Antonio Viñao Frago (2001), ao comentarem o papel da arquitetura dos colégios, relatam que a “aceitação da necessidade de um espaço e de um edifício próprios, especialmente escolhidos e construídos para ser uma escola, foi historicamente o resultado da confluência de diversas forças ou tendências”. Assim, da mesma forma que para ser professor não servia qualquer pessoa, tampouco qualquer prédio ou local servia para ser uma instituição de ensino. O prédio escolar, segundo os autores, deveria ser estabelecido de um modo próprio e definido, em um local adequado para tal fim.

Através de seu domínio sobre a concepção de espaço, influência dos materiais, natureza e das cores nas pessoas, o arquiteto, de acordo com a autora Sheila Pérsia do Prado Cardoso Melatti (2004), poderá interagir com os educadores a fim de criar um ambiente educativo agradável e estimulante tanto para os alunos quanto para os professores. Dessa forma, a arquitetura assume um papel fundamental no campo educacional.

Hélio de Queiroz Duarte² ressalta que o projeto arquitetônico de uma instituição de ensino deve ser subordinado, em primeiro lugar, à criança. Pois, é para ela que se faz um colégio e não para os professores, assim como se faz um hospital para os doentes e não para os médicos. Ele afirma que as escolas deveriam ser alegres e acolhedoras, não podiam, portanto, assemelhar-se a prisões com muros altos e janelas inacessíveis, realidade de alguns colégios brasileiros.

A reação de uma criança, a qual vai, pela primeira vez, à escola, segundo Melatti (2004), pode ser um indicador da importância do ambiente escolar, já que a mesma demonstra de imediato, se o espaço, as cores e a estrutura física da instituição, lhe causaram uma boa impressão ou não.

A autora mostra o papel fundamental que a arquitetura assumiu desde os tempos antigos. Nas sociedades mais remotas, a educação tinha um grande valor, sendo a mesma, realizada em casa, na maioria dos casos, pelos pais. Ela também relata a existência de várias plaquetas encontradas nos pátios e jardins nas cidades babilônias, como cita Leick (2003, *apud* MELATTI, 2004, p. 28),

Uma das manifestações de prosperidade era a maior importância dada à instrução. Muitas casas tinham instalações para o treinamento de escribas, como pátios para ensinar, com bancos e recipientes para barro e água. Numerosas plaquetas foram encontradas nesses pátios — plaquetas de exercícios, listas lexicais e excertos literários. Parece que a maioria dos residentes educava aí seus filhos, visto que as plaquetas escolares foram encontradas em quase todas as casas. Essas escolas, conhecidas como *é-dub-ba* (“casas das plaquetas”), floresceram até o reinado de Samsu-lina, o sucessor de Hamurábi [...]

Já naquela época, o espaço escolar era bastante valorizado. Os pátios centrais eram os locais escolhidos para educar, pois, proporcionavam uma melhor vigilância. Nesses ambientes, havia ainda bancos e jardins para tornar o ambiente mais leve. Do mesmo modo, segundo Melatti (2004), na Grécia a instrução ocorria em pátios e jardins, locais dedicados à leitura e estudo, situados nos templos.

Mario Alighiero Manacorda³ afirma que na Roma antiga o ensino também era feito basicamente na família, sendo o primeiro educador, o *pater familias* (pai de família). Além desta, os conventos também desempenhavam um papel importante na educação.

Na Idade Média a instrução adquiriu uma forma mais rígida de segurança, com vigia e regras, a qual poderia ser percebida na estrutura física dos colégios. Acerca da arquitetura dos edifícios escolares, no caso, mosteiros e conventos, o autor descreve a experiência de um monge ao relembrar sua primeira impressão ao chegar à escola: “Eu era totalmente ignorante e fiquei muito maravilhado quando vi os grandes edifícios do convento, nos quais deveria morar daquele momento em diante...” (Ibid., p.29).

Michel Foucault⁴ também faz referência ao modo como o projeto arquitetônico das instituições de ensino reforçava a vigilância e disciplina:

[...] a arquitetura não é mais simplesmente para ser vista (fausto dos palácios), ou para vigiar o espaço exterior (geometria das fortalezas), mas para permitir um controle interior, articulado e detalhado — para tornar mais visíveis os que nela se encontram; mais geralmente, a de uma arquitetura que seria um operador para a transformação dos indivíduos: agir sobre aquele que se abriga, dar domínio sobre seu comportamento, reconduzir até eles os efeitos do poder, oferecê-los a um conhecimento, modificá-los. As pedras podem tornar dócil e conheável.[...]

Em seu livro, *Vigiar e punir*, Foucault (1993) faz comparações entre as prisões e as escolas, classificando-as como aparelhos de vigiar. Ele aponta as semelhanças entre a

estrutura e o funcionamento dessas duas instituições, comparando os quartos e salas de aula dos colégios com as celas das prisões; os inspetores com os oficiais; e a disposição dos pátios, os quais ficavam sempre no centro, proporcionando, assim, uma visão geral do ambiente e uma melhor vigilância. Dessa forma, o autor mostra como a arquitetura escolar era utilizada para impor a disciplina e moldar comportamentos.

Melatti (2004) ainda relata que o projeto de alguns colégios lembra a bela estrutura dos palácios e os altos muros de pedra, sem acesso, das penitenciárias. Assim como Foucault, ela faz uma análise da disposição arquitetônica das escolas no sentido de estabelecer disciplina e controle.

De início, já era cercada por muros, para que os alunos não fugissem. Depois, pensada como uma edificação onde o aluno ficasse sempre em observação. Na maioria das vezes, era projetado um pátio central para ter o controle de todas as salas. Ao redor, o “muro espesso” e a “porta sólida” que “impedem de entrar ou de sair”, conforme observa Foucault. Tudo isso ainda era visto na construção das escolas até os anos 80 do século passado. Nos pátios ficavam os “bedéis”, os vigias dos alunos, rondando todo o movimento. [...] A sala de diretoria, toda envidraçada para dar uma visão do pátio, representa a “guarita” da vigilância total. Entretanto, a grande vantagem desses pátios é o convívio entre os alunos e a possibilidade de serem usados para aulas diferenciadas (ao ar livre). (MELATTI, 2004, p.42)

Gleice Azambuja Elali (2003) afirma que o meio físico atua de modo não-verbal, causando impactos simbólicos aos seus ocupantes, facilitando e/ou inibindo condutas. Ela relata as possibilidades de decodificação e aprendizagem, inclusive de normas sociais, que o espaço escolar permite aos educandos, comunicando não-verbalmente as intenções e valores dos professores, adultos que exercem o poder sobre o ambiente.

A INFLUÊNCIA DE ARQUITETURA ESCOLAR EM SERGIPE

Em Sergipe, também é possível constatar a semelhança entre a estrutura dos grupos escolares, fundados a partir da década de 1910, e os presídios. Conforme relata Magno Francisco de Jesus Santos (2007), tais grupos não eram meras construções, tratavam-se de prédios públicos que precisavam de visibilidade, construídos para demonstrar o poder e os

atributos dos governantes que os edificavam. Além da imponência arquitetônica com a qual os grupos se destacavam nos quarteirões das cidades, os prédios resumiam os pressupostos militares, exibindo força, segurança, equilíbrio e poder.

A representação metafórica do grupo escolar com a prisão pode ser percebida no pronunciamento do engenheiro Firmo Freire na inauguração do Grupo Escolar Barão de Maroim,

Modernamente sua escola é quartel, perdoe-me todos a comparação, e note-se que o recíproco é sempre uma verdade – o quartel sempre é uma escola. Aliás, soldado não é simplesmente o homem de quartel, não é só quem veste a farda; nós os militares profissionais seremos os commandantes eventuais dos brasileiros. Fundamentalmente soldado é todo individuo que está em condições de defender a sua pátria (FREIRE, 10/07/1917 *apud* SANTOS, 2007, p. 3).

Em seu discurso, Freire (1917) afirma que o papel da escola moderna era formar soldados, preparar indivíduos capazes de defender a nação, esta constituía a proposta pedagógica patriótica da época. O engenheiro visava construir grupos com uma estrutura arquitetônica semelhante a dos quartéis.

Santos (2009) destaca que em meio à difusão dos admiráveis edifícios dos colégios, prevalecia no estado uma perspectiva militarizada da educação. Ele relata que, em alguns casos, a rotina dos quartéis assemelhava-se à realidade educacional dos grupos escolares, como o rigor; a racionalização do tempo e espaço; a disposição, de acordo com a série e idade, das cadeiras em filas, permitindo a vigilância do professor. Ou seja, a hierarquização dos poderes aproximava as duas instituições.

Determinados grupos chegaram até a funcionar em prédios de antigas cadeias públicas no período imperial. Tal fato demonstra que a proximidade entre essas duas entidades não era concebida apenas no plano discursivo. Assim, os velhos presídios serviram de base para a edificação desses grupos.

Conforme relata Santos (2009), dos 14 grupos escolares inaugurados em todo o estado, sete foram construídos a partir da doação de terreno⁵, prédio⁶ ou da adaptação⁷ de algum edifício público. Dentre os prédios adaptados, três tinham servido como cadeias públicas das cidades de Anápolis⁸, Lagarto e São Cristóvão. O autor ainda releva que 75% das prisões públicas foram adaptadas para servirem como grupos escolares.

A utilização dos edifícios dos antigos presídios para a constituição dos grupos escolares não foi uma mera coincidência, como mostra Santos (2009, *Ibid.*, p.76).

Além disso, essa também foi uma estratégia de possibilitar o afastamento das cadeias públicas, geralmente instaladas sem as mínimas condições de segurança, para ruas mais distantes do centro das cidades. Devemos lembrar que, no imaginário republicano, o processo de embelezamento e de higienização das cidades não ocorria somente com as demolições dos antigos casarões e reformas dos traçados urbanos. Higienizar era também afastar os sujeitos perigosos das áreas centrais das cidades, e impelir a pobreza para as zonas periféricas. O embelezamento também ocorria no campo da moral.

No entanto, apesar de terem sido utilizados para a construção dos grupos, nem todos os prédios adaptados das prisões tiveram sua estrutura arquitetônica original modificada, como ocorreu com o Grupo Sílvio Romero, por exemplo. Também houve alguns casos em que certos grupos escolares foram transformados em quartéis. O que corroborava com a ideia da similaridade entre a escola e a cadeia, com seus princípios de disciplina, controle e molde de comportamentos.

A RELAÇÃO DA ARQUITETURA ESCOLAR COM A APRENDIZAGEM

A autora Solange Lucas Ribeiro (2004) afirma que a noção de espaço foi reconstruída ao longo do tempo, passando a assumir não só uma dimensão geométrica como também social. Ela alega que o ambiente não é neutro, possui significações afetivas e culturais, pois está impregnado de signos, símbolos e marcas de quem o produz, organiza e nele convive.

De acordo com Piaget⁹, os espaços de vivência, como a casa, a escola e o bairro, representam uma experiência decisiva na aprendizagem e na formação das primeiras estruturas cognitivas, além de proporcionarem experiências espaciais determinantes do desenvolvimento sensorial e motor.

Os ambientes possuem um sistema de valores implícitos que podem contribuir ou não para a formação de laços afetivos, sentimento de identidade e de pertencimento. Assim como o espaço escolar pode constituir um lugar de possibilidades ou limites. É a partir deste e

nesse lugar que são desenvolvidas as práticas pedagógicas, por isso, deve proporcionar condições favoráveis ao bem-estar e conforto dos docentes e discentes. (RIBEIRO, 2004)

Entretanto, percebe-se que as edificações escolares, em sua maioria, são de má qualidade e não atendem aos mínimos requisitos de conforto. Um dos motivos atribuídos a esse descaso é a pouca importância dada às instituições de ensino destinadas às camadas populares. (Ibid)

A partir de pesquisas realizadas, conforme destaca Moore¹⁰, foi possível comprovar que, quando as crianças ficam em lugares muito restritos, os comportamentos tornam-se mais agressivos e destrutivos, diminuindo a interação.

A construção de um edifício escolar exige a observância de inúmeros critérios, inclusive dos fatores geográficos, como: a localização, posição do sol, clima, topografia do terreno, demanda populacional, acesso a transporte, ruas menos barulhentas, entre outros. (RIBEIRO, 2004)

Escolano e Frago, (2001) ressaltam a necessidade da criação e manutenção de um ambiente escolar que favoreça a aprendizagem e a interação da comunidade intra e extra-escolar. O qual não é só definido por um bom projeto arquitetônico, mas também pelo uso pedagógico que dele é feito. Assim, um ambiente limpo, organizado, bonito e atraente é um elemento educativo de grande força, estimulando a sensibilidade criativa e artística do aluno, pois, como afirmam os próprios autores, o espaço não é neutro, sempre educa.

Ainda em relação à influência da estrutura física da escola no desenvolvimento da aprendizagem, o educador Eduardo D'Amorim¹¹ afirma que,

Tudo na escola deve ser feito para educar. Tudo. Assim, a sujeira deseduca, o abandono deseduca, a desorganização deseduca. Por outro lado, a limpeza educa, a organização educa, as paredes educam, os quadros educam, as plantas educam. Por isso a estrutura física para mim é importante para a visualização da seriedade do processo e da concepção que se tem da escola.

Ao citar a frase de Rousseau, “A melhor escola é a sombra de uma árvore”, Manuel B. Cossío¹² alega que o melhor colégio estava ao ar livre, na natureza e não entre as paredes de um prédio.

Escolano e Frago (2001) destacam, ainda, a revalorização dos espaços não edificados e a necessidade de prever sua distribuição segundo funções e usos, como educação física, jogos,

práticas de jardinagem e agricultura, recreio, proteção e acesso, aspectos também presentes na pedagogia froebeliana. Assim como “Decroly valorizava o espaço exterior como fonte de saúde e elemento gerador de curiosidade/conhecimento/aprendizado”, já que o contato da criança com a dinâmica da natureza a estimulava em diversos sentidos. (ELALI, 2003, p. 311)

Para Maria de Lourdes Santiago Luz *et al* (2005), o ambiente, iluminação, ruídos, temperatura, ventilação, e uso de cores influenciam no conforto físico e psicológico e, conseqüentemente, no rendimento da aprendizagem.

A autora afirma que não só os recursos pedagógicos determinam o êxito do processo educacional, mas também as condições físico-ambientais, as quais interferem caso estejam adaptadas ou não aos fatores humanos. Portanto, para que haja um maior desempenho escolar, é necessária a utilização de mobiliários e equipamentos projetados adequadamente ao aluno, de acordo com suas medidas antropométricas e a realização das tarefas nas salas de aula, aliados aos fatores ambientais como, iluminação, ventilação, temperatura, entre outros.

Buffa e Pinto (2002) destacam, com base em suas pesquisas, os erros mais comuns encontrados na localização, construção e mobiliário das escolas: são quase sempre mal localizadas; expostas ao barulho, à poeira e ao perigo das estradas; não são atraentes, sendo, muitas vezes, até repulsivas tanto na aparência interna quanto externa; são muito pequenas, sem espaço suficiente para a circulação dos alunos; são mal iluminadas, mal ventiladas ou mal aquecidas.

Melatti (2004) também relata algumas falhas no ambiente escolar, tais como: a presença do degrau para o professor, com a justificativa de facilitar a visibilidade entre docente e discente, quando, na verdade, trata-se de uma forma de demonstrar controle; a arrumação das carteiras em fila, uma atrás da outra, possibilitando o controle pelo alinhamento físico; a disposição das portas das salas, ma em frente à outra, o que atrapalha a concentração dos estudantes, embora, do ponto de vista arquitetônico, ser mais viável, pois facilita a ventilação.

Quanto à posição das janelas, a autora afirma que a existência das mesmas atrás dos alunos favorece uma maior propagação de sombra, sendo a melhor forma, o sistema de janelas laterais, as quais proporcionam uma melhor iluminação. A altura também é um fator fundamental, pois as janelas muito altas não permitem ao educando a visão externa do ambiente. Outro problema comum é a acústica da sala de aula, já que muitos pisos dão reverberação, e as turmas grandes, com poucos alunos ou mal dimensionadas causam sérios

danos à voz do professor. O uso do ar condicionado convencional também pode agravar a situação. Tais fatores podem atrapalhar a audição dos alunos durante as aulas.

Por fim, Buffa e Pinto (2002) alegam que princípios da arquitetura, como a localização salubre, acessível a todos, longe do barulho, poeira e perigo das estradas, o espaço do terreno, entre outros, não deveriam ser ignorados na construção das escolas. Assim, as instituições de ensino seriam ambientes, atrativos, estimulantes e propícios ao desenvolvimento dos educandos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir do exposto, percebe-se que não há uma preocupação com os padrões mínimos para o bom funcionamento de um colégio, como: equipamentos, recursos humanos, pedagógicos e, principalmente, a estrutura física. As precárias situações em que se encontram muitas instituições brasileiras de ensino comprovam este fato. Não basta apenas garantir o acesso à escola, é necessário que haja também condições para o desenvolvimento e aprendizagem dos educandos.

A falta de conforto, em todos os seus aspectos, influi no desempenho dos alunos na sala de aula, tanto em termos de saúde quanto de aprendizado. Por isso, a realização de estudos nessa área é fundamental para a conscientização dos governantes, educadores, alunos, enfim, da sociedade, quanto às implicações da arquitetura da escola no desenvolvimento e aprendizado da criança e do jovem.

Dessa forma, para a construção de um edifício escolar, faz-se necessária a observação de alguns critérios, como, por exemplo: a localização, se é de fácil acesso, longe de barulho; o clima; a posição do sol; o tipo de terreno, entre outros fatores. O colégio deve oferecer um ambiente limpo, organizado, atrativo e estimulante para os educandos.

É essencial, portanto, que haja um diálogo constante entre o arquiteto e o educador, possibilitando a criação de ambientes que permitam o desenvolvimento cognitivo, sensorial e motor do estudante.

REFERÊNCIAS

BELTRAME, Mauria Bontorin; MOURA, Graziella Ribeiro Soares. **Edificações escolares: infra-estrutura necessária ao processo de ensino e aprendizagem escolar.** [s.d]. Disponível em: http://www.unioeste.br/prppg/mestrados/letras/revistas/travessias/ed_006/EDUCA%C7AO/PDF/EDIFICA%C7%D5ES%20ESCOLARES.pdf>. Acesso em: 30 de maio de 2010.

BENCOSTTA, Marcus Levy Albino. **História da Educação, Arquitetura e Espaço Escolar.** São Paulo: Cortez, 2005.

BUFFA, Ester; PINTO, Gelson de Almeida. **Arquitetura e Educação: Organização do espaço e propostas pedagógicas dos grupos escolas paulistas, 1893/1971.** São Carlos: Brasília: EdUFSCar, INEP, 2002.

COMO O AMBIENTE EDUCATIVO INFLUENCIA NA QUALIDADE DA ESCOLA? In: **A qualidade social da educação escolar.** [s.d]. Disponível em: <<http://www.moodle.ufba.br/mod/book/view.php?id=14584&chapterid=11064>>. Acesso em: 30 de maio de 2010.

ELALI, Gleice Azambuja. **O ambiente da escola: uma discussão sobre a relação escola-natureza em educação infantil.** 2003. Disponível em: <http://www.portaleducacao.com.br/arquivos/arquivos_sala/media/objeto_de_aprendizagem_ambiente_escola_discussao.pdf>. Acesso em: 30 de maio de 2010.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir: nascimento da prisão.** Tradução de Lígia M. Pondé Vassallo. Petrópolis: Vozes, 1993.

FRAGO, Antonio Viñao. **Currículo, espaço e subjetividade: a arquitetura como programa.** Tradução: Alfredo Veiga-Neto. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

HORTA, Silas Dumont Pires. **A influência da estrutura física no ensino aprendido.** Disponível em: <<http://www.webartigos.com/articles/28413/1/A-INFLUENCIA-DA-ESTRUTURA-FISICA-NO-ENSINO-APRENDIZADO-/pagina1.html#ixzz0sU0Aa4T9>>. Acesso em: 30 de maio de 2010.

LUZ, Maria de Lourdes Santiago *et al.* **A influência da estrutura e ambientes ergonômicos no desempenho educacional.** 2005. Disponível em: <http://www.simpep.feb.unesp.br/anais/anais_12/copiar.php?arquivo=LUZ_MLS_Ainfluenciaestrutura.pdf>. Acesso em: 30 de maio de 2010.

MELATTI, Sheila Pérsia do Prado Cardoso. **A arquitetura escolar e a prática pedagógica.** 2004. Disponível em: http://www.tede.udesc.br/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=277>. Acesso em: 11 de junho de 2010.

RIBEIRO, Solange Lucas. **Espaço escolar um elemento (in)visível no currículo.** 2004. Disponível em: <http://www.uefs.br/sitientibus/pdf/31/espaco_escolar.pdf>. Acesso em: 11 de junho de 2010.

SANTOS, Magno Francisco de Jesus. **Moldando corpos, formando a nação:** preocupações com o corpo e as aulas de ginástica nos grupos escolares sergipanos. In: Colóquio de História da Universidade Federal Rural de Pernambuco, Brasil e Portugal: nossa história ontem e hoje, 1. 2007. Recife. Anais Eletrônicos – ISBN 978-85-87459-57-2. Recife: UFPE, 2007.p. 1-7. Disponível em: <<http://www.pgh.ufrpe.br/brasilportugal/anais/12rc/Magno%20Francisco%20de%20Jesus%20Santos.pdf>>. Acesso em: 06 de julho de 2010.

_____. **Retratos da modernidade:** os grupos escolares de Sergipe como ícones da modernidade. 2009. Revista Eletrônica Cadernos de História, vol. VIII, ano 4, n. 2, p.68-83, dez.2009. Disponível em: <<http://www.ichs.ufop.br/cadernosdehistoria/download/CadernosDeHistoria-08-06.pdf>>. Acesso em: 06 de julho de 2010.

NOTAS

¹ Estudante do curso de Pedagogia da Universidade Federal de Sergipe. E-mail: tati.mss@hotmail.com.

² DUARTE, 1951, *apud* BUFFA; PINTO, 2002, p. 114

³ MANACORDA, 2000, *apud* MELATTI, 2004, p. 28-29

⁴ FOUCAULT, 1997, *Ibid.*, p. 29

⁵ Grupo Escolar Barão de Maruim (terreno doado por João Gomes de Mello para instalação do Asylo Nossa Senhora da Pureza) e Grupo Escolar José Augusto Ferraz (terreno doado por Thales Ferraz).

⁶ Grupo Escolar Coelho e Campos (criado no sobrado doado pelo senador homônimo natural de Capela) e Grupo Escolar General Valadão (construção que partiu da campanha dos sócios da Empresa Agrícola).

⁷ Grupo Escolar Barão de Maruim (aproveitou as ruínas do antigo Asylo Nossa Senhora da Pureza), Grupo Escolar Vigário Barroso (seria implantado no Palácio Provincial, mas acabou sendo criado no sobrado da antiga cadeia pública), Grupo Escolar Sílvio Romero (adaptação da antiga cadeia pública) e Grupo Escolar Simão Dias (seria implantado no prédio da antiga cadeia pública).

⁸ O projeto inicial consistia na adaptação da cadeia pública da cidade para se tornar um edifício escolar. Isso só não ocorreu em decorrência de existir um cemitério ao lado que destoava com as condições higiênicas. Com isso, o projeto foi adaptado e o Grupo Escolar Simão Dias (posteriormente Fausto Cardoso) foi construído em outro terreno.

⁹ PIAGET, 1970 *apud* RIBEIRO, 2004, p. 103.

¹⁰ MOORE, 1992 *Ibid.*, p. 108.

¹¹ Citação retirada do texto: Como o ambiente educativo influencia na qualidade da escola? In: **A qualidade Social da Educação escolar.** Disponível em: <<http://www.moodle.ufba.br/mod/book/view.php?id=14584&chapterid=11064>>. Acesso em 30 de maio de 2010.

¹² COSSÍO, 1905 *apud* ESCOLANO; FRAGO, 2001, p. 90.